



FACULDADE PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DA AMAZÔNIA  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE BACHARELADO EM PSICOLOGIA

LUCIANNE RODRIGUES DUTRA  
VANESSA GONÇALVES DE OLIVEIRA

**“NÃO CONSIGO CONFIAR EM NINGUÉM”:  
CONSEQUÊNCIAS E RELAÇÕES INTERPESSOAIS DE ADULTOS QUE  
SOFRERAM ABUSO SEXUAL NA INFÂNCIA.**

PARAUAPEBAS  
2023

LUCIANNE RODRIGUES DUTRA  
VANESSA GONÇALVES DE OLIVEIRA

**“NÃO CONSIGO CONFIAR EM NINGUÉM”:  
CONSEQUÊNCIAS E RELAÇÕES INTERPESSOAIS DE ADULTOS QUE  
SOFERAM ABUSO SEXUAL NA INFÂNCIA.**

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado a Faculdade para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia (FADESA), como parte das exigências do Programa do Curso de Psicologia para a obtenção do Título de Bacharel.

Orientadora: Prof. Me. Daniela S. Américo

PARAUPEBAS

2023

**Lucianne Rodrigues Dutra; Vanessa Gonçalves**  
**Não consigo confiar em ninguém:**  
**Consequências e relações interpessoais de adultos que**  
**sofreram abuso sexual na infância;** Daniela Américo, 2023.  
38 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade  
para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia - FADESA,  
Parauapebas – PA, 2023.

**Palavras-Chave:** Abuso sexual; Infância e adolescência;  
Impactos psicossociais; Relações Interpessoais;

**Nota:** A versão original deste trabalho de conclusão de curso encontra-se disponível no Serviço de Biblioteca e Documentação da Faculdade para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia – FADESA em Parauapebas – PA.

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial deste trabalho de conclusão, por processos fotocopiadores e outros meios eletrônicos.

*Lucianne D*

LUCIANNE RODRIGUES DUTRA  
VANESSA GONÇALVES DE OLIVEIRA

*Vanessa O*

**“NÃO CONSIGO CONFIAR EM NINGUÉM”:  
CONSEQUÊNCIAS E RELAÇÕES INTERPERSOAIS DE ADULTOS QUE  
SOFERAM ABUSO SEXUAL NA INFÂNCIA.**

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado a Faculdade para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia (FADESA), como parte das exigências do Programa do Curso de Psicologia para a obtenção do Título de Bacharel.

Aprovado em: 27 / 06 / 2023.

Banca Examinadora

*Clara P*

---

Prof. (a) Esp. Clara Lis Araújo Pereira  
Faculdade para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia- FADESA

*Milena S*

---

Prof. (a) Esp. Milena Vieira Sousa  
Faculdade para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia- FADESA

*Daniela A*

---

Orientador (a) Prof (a). Me. Daniela S. Américo  
Faculdade para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia- FADESA

Data de depósito do trabalho de conclusão 27 / 06 / 2023

*Dedicamos este trabalho a todas às vítimas de violência sexual, que diariamente lutam contra seus traumas e que fazem de suas experiências ainda que dolorosas, um motivo para seguir em frente.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado forças e ter iluminado meu caminho durante esses cinco anos de graduação.

Aos meus pais, José Luis e Meiryrose por terem acreditado no meu potencial, quando eu mesma duvidei e por nunca mediram esforços pela minha educação. Vocês são meu alicerce, serei eternamente grata a vocês.

Às minhas irmãs, Lilianne Dutra e Ligianne Dutra por todo apoio, cumplicidade e por serem meus exemplos, por toda minha vida irei admirar vocês.

Agradeço também aos meus colegas de graduação, por todo conhecimento compartilhado, principalmente à minha amiga Vanessa Gonçalves por toda parceria no curso e nesse TCC.

Por fim, aos docentes que tive durante esse percurso, em especial à Daniela Américo, que dedicou seu tempo e conhecimento para me guiar durante todo o processo de elaboração deste TCC.

Lucianne Dutra

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, que me conduziu até aqui, com grandes aprendizagens e ensinamentos. Por ser a minha fortaleza e alicerce nos momentos difíceis ao longo do curso.

Dedico esse projeto aos meus pais, Ana Gonçalves e Juscelino Alves, que me incentivaram e sempre tiveram comigo durante essa caminhada. Agradeço as minhas irmãs que sempre torceram e me apoiaram durante esse processo.

À Daniela Américo, por ter sido nossa orientadora e ter desempenhado tal função com dedicação e paciência.

Aos nossos colegas de turma, por compartilharem conosco tantos momentos de descobertas e aprendizado e por todo o companheirismo ao longo deste percurso, em especial à minha colega e amiga Lucianne Dutra pelo companheirismo e pela parceria neste TCC.

Vanessa Gonçalves

“Existe mais na superfície do que  
nosso olhar alcança.”  
- Aaron Becker

## RESUMO

O abuso sexual infantil é visto como uma questão de saúde pública e ainda assim suas consequências a longo prazo não são discutidas com a relevância necessária. Diante dessa questão, o presente estudo teve como objetivo geral identificar quais os impactos psicossociais que o abuso sexual causa no sujeito e como afeta a vida adulta, assim como suas relações interpessoais, visto que são pouco discutidas na literatura. Os objetivos específicos são caracterizar o abuso sexual e analisar como a psicologia intervém em pacientes que passaram por abuso sexual na infância. Neste artigo, são apresentadas as principais contribuições da literatura científica para a compreensão dessa relação. Verifica-se correlações entre o abuso e dificuldades em relações interpessoais, dependência química, ideação suicida, pensamentos autodestrutivos, sentimentos de inferioridade, dificuldades de atenção e desenvolvimento de transtornos psiquiátricos, como TEPT, TOC e depressão. Em suma, transfigura-se evidente a importância da participação da sociedade em debater sobre o tema e dos profissionais em dar suporte às vítimas do abuso e investindo assim na capacitação dos profissionais para atendimentos qualificados para que assim seja desenvolvido intervenções efetivas. Tais intervenções devem englobar planos de prevenção e tratamento.

**Palavras-chave:** Abuso sexual; Infância e adolescência; Impactos psicossociais; Relações Interpessoais;



## ABSTRACT

Child sexual abuse is seen as a public health issue and yet its long-term consequences are not met with the necessary protection. Faced with this question, the present study had the general objective of identifying the psychosocial influences that sexual abuse causes in the subject and how it affects adult life, as well as their interpersonal relationships, since they are rarely discussed in the literature. The specific objectives are to characterize sexual abuse and analyze how psychology intervenes in patients who have experienced sexual abuse in childhood. In this article, the main contributions of the scientific literature to the understanding of this relationship are simplified. There are correlations between abuse and difficulties in interpersonal relationships, chemical dependency, suicidal ideation, self-destructive thoughts, feelings of inferiority, attention difficulties and the development of psychiatric disorders, such as PTSD, OCD and depression. In short, the importance of society's participation in debating the issue and of professionals in supporting victims of abuse is evident, thus investing in the training of professionals for protected care so that effective interventions can be developed. Such occurrences should include prevention and treatment plans.

**Keywords:** Sexual abuse; Childhood and adolescence; Psychosocial impacts; Interpersonal Relations;

## **LISTA E ABREVIATURAS E SIGLAS**

**ASI-** Abuso Sexual Infantil

**ONDH-** Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos

**MMFDH-** Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos

**OMS-** Organização Mundial da Saúde

**SCIELO-** Scientific Electronic Library Online

**DSM-** Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM)

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2. VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTIL E SUAS CONSEQUÊNCIAS.....</b>	<b>14</b>
2.1 Violência sexual.....	14
2.2 Consequências do abuso sexual para a criança/adolescente .....	19
2.3 O abuso sexual e os impactos na vida adulta.....	21
2.4 Relações interpessoais das vítimas de abuso sexual na infância .....	23
2.5 Atuação do psicólogo mediante os casos de violência sexual infantil.....	24
<b>3. METODOLOGIA.....</b>	<b>27</b>
<b>4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....</b>	<b>29</b>
<b>5. CONCLUSÃO.....</b>	<b>35</b>
<b>REFERENCIAS .....</b>	<b>36</b>

## 1. INTRODUÇÃO

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), um quarto de todos os adultos revela ter sofrido abusos físicos quando criança, sendo que uma em cada cinco mulheres e um em cada treze homens revelam ter sido abusados sexualmente na infância (OMS, 2016).

Em virtude dessa realidade, nota-se que o assunto é pouco discutido em nossa sociedade, despertando assim, o nosso interesse em realizar esse estudo. O abuso sexual é caracterizado atualmente como uma discussão preocupante por suas consequências para o desenvolvimento das vítimas. É evidente que a sexualidade ao ser violada, afeta gravemente as vítimas, principalmente quando se refere à uma criança, por serem mais vulneráveis e não terem clareza para identificar as situações de abuso (PEIXOTO, 2012).

Levando em consideração vários contextos em que pode ocorrer o abuso, Risman *et al.*, (2014), salientam o espaço intrafamiliar, que é um grande obstáculo por conta da proximidade da vítima com o agressor. Além disso, a criança convive com uma enorme questão, que é o sentimento de medo, culpa e sobretudo, ameaças pelo agressor. Posteriormente, crianças sexualmente abusadas tendem a manifestar mais sintomatologia clínica do que aquelas crianças que não passaram por este trauma.

Segundo Collin-Vézina, Daigneault e Hébert (2013), os males subsequentes do abuso sexual variam desde efeitos mínimos, como baixo rendimento escolar, baixa concentração e atenção até problemas mais complexos, como transtorno do estresse pós-traumático, reexperimentação de memórias intrusivas e persistentes ligadas ao trauma com repercussões sociais, emocionais e/ou psiquiátricas.

Portanto, além do objetivo geral de analisar como o abuso sexual na infância impacta na vida adulta, incluindo as relações interpessoais, o trabalho possui três objetivos específicos, que entram em destaque, sendo eles: caracterizar e diferenciar os tipos de violência sexual, as consequências do abuso sexual na infância e por fim como a psicologia intervém em pacientes que passaram por esse trauma.

O presente trabalho inicia-se descrevendo o que é a violência e suas categorias, em seguida, sendo o foco principal, adentra-se sobre a violência sexual infantil, diferenciando os tipos, como ocorre, suas principais características e as consequências desse trauma para o desenvolvimento e os seus relacionamentos

interpessoais. E por fim, como a psicologia trabalha com indivíduos que passaram por esse trauma.

Essa pesquisa foi feita a partir de uma revisão bibliográfica, utilizando livros, artigos e dissertações e análise de documentos de sites revistas sobre os temas aqui propostos. Foram usados autores que estudam a violência sexual infantil como Bruno Ricardo Bérghamo Florentino e Margaret Olinda de Souza Carvalho e Lira.

Nos resultados foi buscado pesquisas exploratórias de autores como Lira et al., (2017), e Bianco e Tosta (2021) que analisaram como vivenciar a experiência do abuso sexual na infância pode ocasionar transtornos que repercutem até a vida adulta.

Sendo assim, destaca-se a relevância desse tema no âmbito científico, clínico, social e da saúde, ressaltando a importância de novos conhecimentos acadêmico, profissional e social, buscando um estudo detalhado sobre novas pesquisas a respeito do abuso infantil e suas consequências na vida adulta, tendo como finalidade compreender questões relativas ao abuso infantil e conseqüentemente, novas possibilidades de intervenção no trabalho de reabilitação dessas vítimas.

## 2. VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTIL E SUAS CONSEQUÊNCIAS

### 2.1 Violência sexual

A violência é um problema social muito complexo, sempre presente ao longo da história, o qual afeta os direitos dos seres humanos, como o direito à vida, à segurança, à integridade, à saúde, à liberdade e à dignidade humana. Foucault (1976), compreende a violência por uma relação de formas desiguais, caracterizando dessa forma uma relação de poder onde o mais forte subjuga, explora e domina o mais fraco.

Assim como descreve a OMS, a violência é:

O uso intencional da força física ou do poder, real ou ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (OMS, 2016, p.16).

Considerando o período entre 2009 e 2019, a publicação do Atlas da Violência (2021), portal que reúne, organiza e disponibiliza informações acerca a violência no Brasil aponta que negros, jovens e mulheres são as maiores vítimas de agressão e homicídio.

A OMS estabelece três categorias segundo quem comete o ato violento: Sendo que a 1ª é a violência Autoprovocada/Auto Infligida- É a violência contra si próprio, compreende ideação suicida, automutilação, suicídio e etc. (DAHLBERG; KRUG, 2006). 2ª categoria - Violência Interpessoal: Se divide em duas subcategorias, sendo a primeira, a violência doméstica/intrafamiliar, a que ocorre entre os parceiros íntimos e entre os membros da família, usualmente no ambiente da casa, inclui formas de violência tais como o abuso infantil, violências contra idosos e cônjuges e a violência extrafamiliar/comunitária que é aquela violência que ocorre no ambiente social em geral, sem relação pessoal, que podem ou não se conhecerem. Inclui violências da juventude, estupro ou ataque sexual por desconhecidos e violência em instituições como locais de trabalho, escola e etc. (DAHLBERG; KRUG, 2006). 3ª categoria - Violência Coletiva: Quando é causada a um grupo social, podendo ser por causas políticas, econômicas ou sociais. Tendo como exemplo: guerras, atos terroristas e etc (DAHLBERG; KRUG, 2006).

Os tipos de violência podem ser classificados em algumas formas, como: a) a Violência Física, que é a utilização da força física, de forma intencional, com o objetivo

de provocar dor e sofrimento, como golpes, puxões, tapas, chutes, estrangulamentos e etc. b) a Violência Psicológica/ moral que é toda a forma de rejeição, manipulação, depreciação, humilhação, difamação e que cause danos psicológicos e à sua dignidade; c) a Violência Econômica que é a subtração de bens e a imposição de dependência, tendo como exemplo o roubo, furto; d) Violência Social, que é a repressão ou opressão de grupos vulneráveis, como a discriminação, segregação e a intolerância e a e) Violência Sexual que é a imposição de cunho sexual sem consentimento, como: estupro, abusos, assédio, exposição à nudez e etc (MENEZES, 2018).

Dentre as variáveis tipos de violências e aos inúmeros grupos, nesse trabalho iremos destacar a violência sexual, com ênfase no público infantil, uma vez que a infância é a fase mais importante da vida, em que mais desenvolvemos fisicamente e emocionalmente, quando formamos a visão do 'eu', incluindo a nossa autoestima e quando há alguma negligência, experiências de violência, interferirão no desenvolvimento saudável, tendo impactos inclusive na vida adulta (TREVES, 2017).

Existem seis tipos de violência contra a criança: a) A violência física, que é uma ação infligida à criança ou ao adolescente que cause danos à sua integridade ou saúde corporal, com o objetivo de causar sofrimento, essa violência é culturalmente associada a uma forma de "corrigir e educar", sendo assim, naturalizada pela sociedade; b) Violência psicológica ou emocional, é qualquer conduta ou situação recorrente à criança que pode comprometer seu desenvolvimento psíquico e emocional, como: desrespeito, rejeição, cobrança ou punição exagerada, humilhação, manipulação, xingamentos, alienação parental e etc.; c) Violência Institucional, a qual é caracterizada pela revitimização da criança em vulnerabilidade pelas Organizações que deveriam a proteger-la; d) Negligência e Abandono, em que há uma omissão dos cuidadores da criança em garantir as necessidades que são fundamentais para seu desenvolvimento, como: educação, alimentação, medicamentos e proteção; e) Autoagressão, que é caracterizada pelo ato realizado pela própria criança, com intuito de causar lesões a si mesmo e a f) Violência Sexual que é o ato homo ou heterossexual, que há o intuito da estimulação sexual da criança, a utilizando como meio de satisfação sexual (SCHUENGUE, 2021).

A violência sexual, é caracterizada por práticas com propósito sexual que, por serem prejudiciais tanto ao corpo, quanto a mente do indivíduo violado, infringem os direitos e as garantias individuais como liberdade, respeito e dignidade previstos na

Lei nº 8.069/90 – Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990). Atinge os dois sexos e normalmente não obedece a nenhuma regra como nível econômico, social, religioso ou cultural (BALLONE *et al.*, 2008).

Em concordância como Plano Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes (2000), o abuso e a exploração sexual encontram-se inseridos no conceito de violência sexual. “A exploração sexual é caracterizada pela relação de interesse mercantil, permeada pelo comércio do corpo/sexo, por meios repressivos ou não, e se manifesta de quatro formas: pornografia, tráfico, turismo sexual e prostituição.” (FLORENTINO, 2015, p. 3).

O abuso sexual infantil (ASI), sendo tema principal desse trabalho, é indicado como qualquer contato ou interação entre uma criança ou adolescente e alguém que esteja em um estágio mais evoluído de desenvolvimento psicosssexual e que usa a criança/adolescente para estimular-se sexualmente (WHO, 2002). Podendo ocorrer através de ameaças físicas ou verbais, ou por manipulação/sedução. Sendo que na maior parte dos casos, o agressor é uma pessoa conhecida da vítima – frequentemente sendo familiares, vizinhos ou amigos da família (CHILDHOOD, 2019).

O ASI é visto como um delicado problema de saúde pública. Debowka *et al.*, (2019), acrescenta que isso é devido aos elevados índices e às graves sequelas para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social da vítima e de sua família. Salienta-se que o abuso sexual é um fenômeno transgeracional, diante disso, percorre todas as classes sociais, mas que na maioria dos casos não é levado às autoridades competentes, principalmente nos casos intrafamiliares.

Rezende (2013), reforça que o abuso sexual tem como desígnio estimular sexualmente a criança/adolescente no propósito do agressor alcançar sua própria satisfação sexual. Portanto, o abusador pode iniciar o abuso com gestos pequenos que podem ser confundidos com carinho pela criança e assim progredir para contato íntimo e concretizando a violência sexual.

Os variados autores que estudam a temática do abuso sexual reiteram que a violência pode acontecer fora da família, a qual é denominada extrafamiliar, em que o agressor é um estranho ou alguém que não pertence ao círculo familiar da vítima, e também casos intrafamiliares, que acontece dentro do próprio lar e geralmente é praticada por um membro que convive com a vítima, que tenha sua confiança, tendo assim, laços afetivos, sendo os agressores principalmente do sexo masculino: pais, padrastos, avôs, tios, entre outros(AZEVEDO; GUERRA, 2005).



O abuso sexual no contexto intrafamiliar, também é conhecido como incesto, que habitualmente, dura um prolongado período e pode ter o conhecimento da violência e cobertura dos demais familiares. Sendo que na nossa sociedade, o incesto é uma das formas de abuso sexual mais recorrentes, o que normalmente causa implicações, em nível psíquico, excessivamente prejudiciais às vítimas (FLORENTINO, 2015). É uma forma de violência com características de repetição. Isso se deve ao fato do agressor residir junto à vítima, tornando assim mais fácil o acesso a ela ou então utilizando o poder sobre esta criança ou adolescente (PFEIFFER; SALVAGNI, 2005).

Ballone (2009), destaca que é considerado incesto, além de parentes por nascimento, mas também aqueles que se unem ao grupo familiar por adoção ou casamento, como enteados, pais adotivos e irmãos de criação.

Ainda sobre esta prática:

Sua devastação é maior do que as violências sexuais não incestuosas contra a criança, porque o incesto se insere nas constelações das emoções e dos conflitos familiares. Não há um estranho que se possa fugir, não há uma casa para onde escapar. A criança não se sente mais segura nem mesmo em sua própria cama. A vítima é obrigada a aprender a conviver com o incesto, ele abala a totalidade do mundo da criança. O agressor está sempre presente e o incesto é quase sempre um horror contínuo para a vítima (Habigzang; Caminha, 2008 apud COGO *et al.*, 2011, p.132).

É importante ressaltar que há diversos tipos de abusos sexuais, que não necessariamente há o contato físico. Sendo que com contato físico pode incluir toques nos órgãos genitais, tentativas de relação sexuais, masturbação sexo oral e/ou penetração. E sem o contato físico há o assédio sexual, que pode ser expresso em forma verbal, não verbal ou física, sendo todo o comportamento indesejado de caráter sexual; o abuso sexual verbal que são as falas erotizadas com o intuito de despertar o interesse da criança ou adolescente; o exibicionismo que é o ato de mostrar os órgãos genitais ou se masturbar em frente a vítima; voyeurismo que é o ato de observar fixamente atos sexuais ou órgãos genitais de outras pessoas e por último a exibição de materiais pornográficos (CHILDHOOD, 2019).

Furniss (2002), destaca que o impasse que as vítimas têm em contar para alguém sobre as experiências de abuso, deve-se à dinâmica desse tipo de violência, que envolve a Síndrome de Segredo, em que o agressor utiliza estratégias, como ameaças contra a própria criança ou algum familiar, culpa, mentiras, presentes para ganhar a confiança da criança, que acaba a confundindo, fazendo com que ela não

revele, por até mesmo não conseguir identificar o que está sofrendo. E há a Síndrome de Adição, que é caracterizada pela compulsão do agressor, que não consegue controlar seu impulso em relação à criança ou adolescente e torna-se dependente dos atos de abuso.

A síndrome de segredo favorece a continuidade do abuso. Da Silva e Roncalli (2018), reiteram que a maior parte das mães se calam por medo de perder seu cônjuge, pois além do afeto, pode haver a dependência financeira, o companheiro em muitos casos é o provedor da família ou até mesmo o medo de sofrer agressão do próprio parceiro. Diante disso, a criança se cala por acreditar que ninguém irá acreditar no que ela diz.

A violência sexual pode estar associada às motivações subjetivas do agressor, as quais tem origem de conflitos e de dificuldades vivenciados na infância e no ambiente familiar, inclusive da vivência de vitimização sexual (JUNIOR *et al.*, 2015). E ainda, os autores salientam que em muitas circunstâncias, tais conflitos, se não receberem devido tratamento necessário, podem fazer com que o sujeito reaplique o drama vivido, tornando-se futuramente um agressor ou abusador infantil, formando assim uma transmissão transgeracional.

Autores que estudaram sobre a transmissão transgeracional da violência, como Azevedo e Guerra (2000), apontam ligação de até 50% entre alcoolismo e abuso sexual e presença de mais de uma vítima no mesmo lar. Sattler (1994) relata achados que demonstram que muitas mães de vítimas de incestos também haviam sido abusadas na infância. Conseqüentemente, há a dificuldade em perceber o que ocorre com suas filhas, por ter medo, despreteção, pela própria dor, confusão e ambivalência diante da nova situação de violência. Além do mais, estas mães não receberam apoio de suas próprias mães, tornando-se, na vida adulta, dependentes emocionalmente e economicamente dos companheiros, geralmente os agressores sexuais de suas filhas.

Os dados epidemiológicos relacionados à violência sexual contra crianças e adolescentes demonstram que em 6 anos, entre 2011 e 2017, das 1.460.326 queixas de violência que foram notificadas ao Sinan (Sistema de Informação de Agravos de Notificação, 1993), 184.524 eram casos relacionados à violência sexual contra crianças e adolescentes (BRASIL, 2018).

Quanto às características da violência sexual contra as crianças, “69,2% (40,154 casos) ocorreram dentro da residência da criança, 2.656 na escola (4,6%),

1.809 em vias públicas (3,1%), outros locais menos citados foram: habitação coletiva (0,8%), comércio (0,4%), local de prática esportiva (0,3%), indústrias (0,2%), bares (0,2%) e ainda, em 4.839 casos não foi especificado o local e em 7.424 queixas esse dado foi ignorado” (BRASIL, 2018 apud ZANATTA; CASTRO, 2020, p.2).

Nos primeiros cinco meses de 2022, segundo os dados da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos (ONDH), vinculada ao Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH), registrou um total de 7.447 denúncias de estupro. Das vítimas, 5.881 são crianças ou adolescentes o que corresponde a quase 79% das denúncias.

Os dados também apontaram que em 8.494 dos casos, a vítima e o suspeito moravam na mesma residência. Outros 3.330 casos aconteceram na casa da vítima e 3.098 na casa do suspeito.

É válido salientar que no Brasil ainda não há dados confiáveis sobre a prevalência do abuso sexual, portanto, tais registro não representam a total realidade dos casos de notificação no país (SCHAEFFER *et al.*, 2018).

No seguinte tópico iremos discutir acerca dos malefícios que o abuso sexual pode causar na vida da criança/adolescente.

## **2.2 Consequências do abuso sexual para a criança/adolescente**

O abuso sexual contra crianças e adolescentes é um dos tipos de negligências mais frequentes, indicando consequências médicas, psicossociais e legais que necessitam ser primorosamente analisadas e compreendidas pelas equipes profissionais que estudam essa questão (KAPLAN; SADOCK, 1990).

Nota-se que compreender, avaliar e mensurar as consequências do abuso sexual infanto-juvenil é um trabalho bem complexo, pois existe uma enorme carência em estudos que visem acompanhar as vítimas em longo prazo.

Florentino pondera que ao discutir as sequelas do ASI, é essencial levar em questão algumas características singulares dessa violência, por exemplo: grau de penetração; acompanhamento de ofensas ou violência psicológica, uso de força ou violência física, entre outras crueldades que, evidentemente, são circunstâncias que comprometem as conclusões sobre as consequências do abuso sexual.). Quanto mais velha a criança for mais intensos serão os sintomas vivenciados, isso se dá ao fato da

criança ter um maior entendimento do que a ação representa e dos impactos que essa violência traria para as pessoas ao seu redor. (FLORENTINO, 2015).

Complementando essa ideia, Habigzang *et al.*, (2008), mencionam três grupos de fatores que precisam ser levados em conta acerca do impacto do abuso sexual para a vítima, sendo esses: 1) intrínsecos à vítima, como a vulnerabilidade e resiliência da pessoa, sendo assim, como ela vai ressignificar essa experiência; 2) extrínsecos, que envolve o suporte social, como a ajuda profissional que a criança vai receber e o suporte afetivo que diz respeito à sua rede de apoio e 3) aquele que dizem respeito à própria violência, como por exemplo, se foi intra ou extrafamiliar, a duração do abuso, o seu grau de confiança com o abusador, a reação dos familiares ao descobrirem a violência e etc.

Os autores Paolluci, Genuis e Violato (2001) apontam que crianças sexualmente abusadas tendem a apresentar mais sintomatologia clínica do que aquelas que não passaram por essa experiência traumática. Por exemplo, Heuvel e Seedat (2013), apresentam que o abuso sexual tem sido associado tanto a sintomas externalizantes, os quais são projetados para fora, como comportamento delinquentes, irritabilidade, agressividade e dificuldades nas relações sociais, quanto a sintomas internalizantes, quando a criança sente, pensa e age de uma forma inadequada que a traz sofrimentos, como depressão, ansiedade, isolamento, dificuldades de atenção, sentimento de inferioridade, distúrbios de sono e do apetite.

Ferrari (2002), pontua quão negativa é a experiência do abuso sexual para as vítimas, já que crianças e adolescentes estão em uma fase de desenvolvimento e não se encontram maduros para consentir qualquer tipo de prática da violência, o que pode supor que o agressor consegue agir por meio de ameaças e/ou violência. À vista disso, Correa (2007) compreende todo tipo de violência é traumático, mas a violência intrafamiliar traz prejuízos consideráveis para a subjetividade, um dos motivos é devido ao grau de confiança em que a vítima tem com o agressor e a figura simbólica que ele representa.

É compreendido que as repercussões do abuso sexual para crianças e adolescentes são inúmeras e afetam todos os âmbitos da vida (físico, psicológico, cognitivo e social). Podemos destacar: distúrbios de sono e alimentação, gravidez, infecções sexualmente transmissíveis (IST's), hematomas, doenças psicossomáticas (físicas), falta de atenção, problemas de aprendizagem, baixa autoestima, agressividade, irritabilidade, ansiedade, medo, comportamento regressivo,

comportamento hipersexualizado, isolamento, autoagressão, prostituição, revitimização, uso de álcool e outras drogas e até o suicídio (MALGARIM; et al., 2010).

A dor emocional é tão grande que muitos adolescentes com o intuito de preencher o vazio existente acabam se mutilando para se sentir aliviado fisicamente da dor emocional. E essas lesões com repetição não tem como objetivo de chamar a atenção, mas sim uma forma de controlar as emoções negativas, como: ansiedade, raiva, medo, culpa e etc (SANTOS, 2019).

Siebra *et al.*, (2019), pontuam que a criança pode ter seu desenvolvimento cognitivo, afetivo e social prejudicados e quanto mais cedo a vítima externalizar a violência sofrida e receber o devido tratamento e suporte, maiores são as probabilidades de aliviar os efeitos causados por essa experiência traumática.

A forma como a criança irá retratar o abuso sexual dependerá do quanto os seus aspectos cognitivos estão desenvolvidos, da sua idade e do desenvolvimento de sua comunicação. De acordo com Costa (2022), o comportamento sexualizado também é uma forma de expressão de um possível abuso. A criança ao recriar aquilo que foi vivido, carece de compreensão, de maneira que venha dar suporte na vivência e ressignificação dessa experiência de violação, impossibilitando consequência do abuso na sua identidade quando se torna adulta.

Diante do que foi apresentado até agora, iremos analisar como vivenciar o abuso sexual na infância e não receber o suporte necessário pode impactar na vida adulta desses indivíduos.

### **2.3 O abuso sexual e os impactos na vida adulta**

De acordo com a OMS, um quarto de todos os adultos revela terem sofrido abusos físicos quando criança, sendo que uma em cada cinco mulheres e um em cada treze homens revelam ter sido abusados sexualmente na infância (OMS, 2016).

Grande parte pesquisadores concordam que o ASI é facilitador para o surgimento de psicopatologias graves, afetando a evolução psicológica, afetiva e social da vítima. As sequelas do ASI podem surgir de várias maneiras, em qualquer idade da vida (ROMARO; CAPITÃO, 2007).

O abuso sexual constitui uma experiência traumática que afeta, principalmente, o desenvolvimento emocional de crianças e adolescentes, resultando em prejuízos que podem se prolongar até a vida adulta (LIRA *et al.*, 2017). A vítima nessa fase tem

predisposição em buscar o suicídio, consumo de drogas, apresentar transtornos de identidade e de ansiedade. O sujeito pode enfrentar problemas de autoestima, medo, mudanças no humor (REZENDE, 2013; SIEBRA *et al.*, 2019).

De Bellis e Zisk (2014), complementam que os traumas infantis, principalmente aqueles que são interpessoais, intencionais e crônicos, estão correlacionados a maiores taxas de transtorno ou sintomas de estresse pós-traumático, depressão e comportamentos antissociais.

Além de tudo que já foi mencionado até aqui, muitas outras consequências podem manifestar nas pessoas que sofreram algum tipo de abuso na infância, até mesmo na fase adulta, o indivíduo presumivelmente voltará à reviver essa experiência em sonhos e flashbacks, causando uma dor em relembrar a frustração passada, afetado assim, integralmente sua vida social (REZENDE, 2013).

As autoras Lira *et al.*, (2017), em seu artigo relata que o abuso sexual na infância e suas repercussões na vida adulta pode gerar impactos devastadores partindo da avaliação da capacidade de resiliência e auto perdão em mulheres abusadas na infância, as quais exteriorizam níveis de desesperança, capacidade para o auto perdão inferiores comparadas a outras mulheres que não foram abusadas sexualmente na infância e níveis mais elevados de sintomas de estresse pós-traumático (LIRA *et al.*, 2017).

Em seu estudo, Day *et al.*, (2003) mencionam algumas prováveis manifestações psicológicas decorrentes da violência doméstica que ocorrem a curto e longo prazo. Tendo como exemplo de curto prazo: aversão ao o agressor e a pessoas do mesmo sexo do agressor; isolamento social; sentimentos de estigmatização, quadros fóbico-ansiosos; sentimento de rejeição, masturbações excessivas e etc. Já os males de longo prazo podem ser manifestado por meio de ocorrência de transtornos psiquiátricos como dissociação afetiva, pensamentos intrusivos, sensação constante de perigo e confusão, cognição distorcida, imagens distorcidas do mundo e dificuldade de perceber a realidade e dificuldade para resolver problemas interpessoais.

Rogers e Kinget (1975), apontam que a vítima do abuso sexual irá ter um desajustamento psicológico principalmente quando não é tratado e se chega na fase adulta. Vai desenvolver uma autoimagem desvalorizada, não conseguindo reconhecer seus pontos positivos e não conseguindo enxergar formas de se reconstruir como pessoa, afetando sua resiliência.

## 2.4 Relações interpessoais das vítimas de abuso sexual na infância

Há uma possibilidade aumentada de vítimas de abuso sexual infantil terem dificuldades no âmbito sexual e de relacionamento interpessoal na vida adulta (NAJMAN *et al.*, 2005; STAPLES *et al.*, 2012). Essas dificuldades podem estar relacionadas à revivência da experiência de abuso sexual em relações de maior intimidade (AZEVEDO; GUERRA, 1989).

Os autores Ribeiro *et al.*, (2018) demonstram que as vítimas possuem diversos prejuízos no que diz, principalmente, às relações afetivas. Há uma imensa dificuldade para que elas consigam construir vínculos de confiança. Ainda conforme os autores, percebe-se também que as vítimas desenvolvem baixa autoestima, gerando bloqueios relacionados a insegurança e subseqüentemente vindo a se associar com transtornos como ansiedade e depressão.

Silva (2000), pontua que uma vivência traumática não afeta somente os pensamentos do sujeito, mas também a sua memória, o estado de consciência e todo campo de ação, o que diz respeito a iniciativa e de objetividade na vida. Muitas pessoas criam uma bolha de proteção em volta de si, impedindo de continuar com vida, independentemente do tipo de violência, a vítima evita de sair de casa, tem medo de andar sozinha, rejeita relações sexuais e qualquer contato físico. A vivência do abuso sexual é um fator que pode comprometer o funcionamento sexual de mulheres vítimas.

O abuso sexual é citado pela 5ª edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V) como um fator de risco para o desenvolvimento de transtornos relacionados à disfunção sexual (APA, 2014). Mulheres que tenham vivenciado ASI podem ser mais propensas, em comparação a pares não vítimas, comprometimento de seu funcionamento sexual, como ausência de prazer, dor genital, lubrificação vaginal insuficiente e dificuldade de atingir orgasmo (LUO *et al.*, 2008). Em razão de sua experiência traumática e das consequências associadas, essas mulheres podem tornar-se propensas à aversão e evitação sexual (HALL, 2007).

Cótica *et al.* (2015) em seu estudo o qual buscou analisar como o abuso sexual pode interferir na qualidade dos relacionamentos amorosos estabelecidos na fase adulta das vítimas, concluiu que essa experiência traumática não afeta somente seus

relacionamentos, mas também estabelece um autoconceito destrutivo a respeito de si.

Os autores Perrone e Nannini (1998), evidenciam que a vítima da violência carrega o constante sentimento de que não importa o que aconteça, sempre será vista com uma pessoa indigna e depreciável pela experiência que sofreu. O seu emocional se torna frágil, se sente incapaz em dizer 'não' para situações que a deixem desconfortável.

O sentimento de vergonha, frequentemente apresentado por vítimas, permeia possíveis experiências de abuso sexual e conflito com o parceiro íntimo, conflito familiar e vitimização física no âmbito da relação conjugal (KIM *et al.*, 2009)

A vitimização na infância pode afetar negativamente a capacidade de estabelecimento e manutenção de relações íntimas saudáveis na vida adulta (COLMAN; WIDON, 2004).

As mulheres que passaram por esse trauma na infância e que seus relacionamentos não deram certo, em muitas vezes é devido não conseguir se ver como atraente, digna de ser amada e respeitada, Cótica et al. (2015), ponderam que para se ter um relacionamento saudável é imprescindível tratar as feridas que não foram cicatrizadas e fazer as pazes consigo mesma.

## **2.5 Atuação do psicólogo mediante os casos de violência sexual infantil**

O trabalho do psicólogo é fundamental na prevenção da violência sexual infantil e no cuidado com todas as pessoas impactadas pelo o abuso sexual. O psicólogo é um profissional que deve utilizar de conhecimento científico para entender o comportamento humano, desenvolvendo e aplicando técnicas e instrumentos que auxiliam o indivíduo a discutir e compreender suas angústias. Oferecer um lugar seguro, uma escuta acolhedora que possibilite a quebra do pacto de silêncio desta família e a tomada de decisões mediante o abuso sexual é fundamental (SILVA, 2018).

Ao discutir especificamente os casos de violência sexual, Silva e Melo (2017), enaltecem o papel do psicólogo, esclarecendo que o trabalho em conjunto com as autoridades é essencial. Segundo as autoras, os psicólogos são capacitados para compreender a mente e os processos mentais do comportamento humano, sendo assim, representam um grande passo na resolução de casos controvertidos como a violência sexual. As autoras advertem que magistrados e psicólogos devem buscar



um objetivo comum, oferecendo espaço para que a vítima exponha o ocorrido e extrair dela o essencial, contribuindo para que prevaleça a justiça, o acolhimento e a proteção da vítima.

A rede de atenção frente às situações de risco consiste em um trabalho multiprofissional podendo ser encontrado nas políticas públicas. De acordo com Alberto (2008), as políticas públicas de assistência social necessitam do trabalho de profissionais de vários setores, como por exemplo da saúde, educação, assistência social e sistema de Justiça. A própria forma externa da intervenção da rede também influencia diretamente os relacionamentos familiares, situação social e psicológica de cada membro da família, devendo ser um trabalho em conjunto, buscando a melhor estratégia de intervenção para cada caso específico.

Os autores Marques *et al.*, (2013), reiteram que o psicólogo deve acolher a criança e oferecê-la um ambiente seguro, para que ela perceba a atenção e a credibilidade deste profissional, assim sentindo-se à vontade para relatar seu caso. Uma criança quando é bem acolhida e sente a confiança no profissional, poderá deixar transparecer seus reais sentimentos e detalhes vividos em sua experiência. O trauma vivido por essas crianças e adolescentes usualmente perpetuam por toda sua vida, e muitas vezes, infelizmente, em alguns casos podem influenciá-los a cometer os mesmos abusos ao chegarem à idade adulta.

Segundo Costa (2002, p. 19), “a criança não precisa ser só uma vítima de abuso sexual, ela precisa de um apoio que a veja como um ser inteiro e não só como aquele que foi abusado.”

Na percepção de Marques *et al.*, (2013), o foco nas equipes multidisciplinares é uma boa estratégia nesse acolhimento, onde se faz essencial que valorizem o papel do psicólogo neste processo de escuta, uma vez que este profissional é apto em poder possibilitar um resgate de detalhes através do vínculo de confiança, proporcionando um atendimento mais acolhedor, reduzindo os impactos e as inseguranças da vítima, que após o trauma poderá ter dificuldades em estabelecer relações com outras pessoas, já que sua confiança está fragilizada.

Segundo a Comissão de Psicologia Jurídica (2021), os profissionais de psicologia podem atuar em diversas instâncias da rede de proteção. Independente do contexto em que estiver inserido (consultório, hospital, escolas, ONGs, instituições do serviço público), devem atuar de maneira articulada com outras áreas e campos de conhecimento, em integração com a rede de proteção. Sua inserção na rede deve ter

como finalidade o melhor atendimento à vítima, acolhendo e evitando a revitimização e a violência institucional.

A criança diante do abuso apresenta sentimento de culpa, desespero, incapacidade, autoacusação e angústia e, com isso, o psicólogo será o profissional responsável pela ressignificação, dando à criança a possibilidade de transformar o ocorrido, criar planos para o futuro e vendo o abuso como um obstáculo a ser superado (MARQUES *et al.*, 2013). É necessário garantir que a criança tenha esse espaço de escuta terapêutica, gerando a reflexão (COSTA, 2002).

A Comissão de Psicologia Jurídica (2021), destaca que a intervenção do psicólogo deverá sempre ter como foco de atenção a garantia da proteção integral das crianças e adolescentes vítimas, independentemente da fase e local em que realize sua atuação profissional. O desafio atual é a articulação da rede de atenção e proteção, com intercomunicação dinâmica, efetiva e democrática, e a qualificação e capacitação do profissional para melhor acolhimento e atendimento das crianças e adolescentes vítimas dessa violência.

As autoras Fernandes *et al.*, (2022) mencionam que as famílias, assim como as vítimas, carecem de um olhar mais atencioso e empático, pois, muitas das vezes é fornecido apenas para a pessoa que passou por essa violência, viabilizando a culpabilização dos familiares que tinha sob sua responsabilidade aquele familiar fragilizado em termos físicos e psíquicos. Partindo dessa premissa, pode-se embasar atuações quanto ao acolhimento dos sentimentos dos cuidadores, análise das problemáticas levantadas, fortalecimento da rede de apoio disponíveis próximo às famílias, e também, formulação de estratégias de enfrentamento.

Brandão *et al.*, (2019) pondera que, a violência sexual é um caso sério de saúde pública, pois gera impactos severos nas esferas psicológica e física, onde pode-se observar efeitos negativos no desenvolvimento emocional, cognitivo, motor e interacional. Por isso, os profissionais de psicologia precisam estar preparados para receber estas demandas, sendo necessário ter dedicação e disposição, levando em consideração que trabalhar com esse tipo de questão interfere no seu psiquismo. Por essa razão, é fundamental que este profissional se submeta ao seu próprio processo analítico.

### 3. METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa de caráter qualitativa, a qual trabalha com um nível de realidade que não é mensurável, quantificado, responde a questões muito particulares, ocupando-se das significações, motivos, aspirações, valores e atitudes; seu objeto de estudo dificilmente poderá ser traduzido em números (MINAYO, 2008). Foi feita a partir de uma revisão bibliográfica, utilizando livros, artigos e dissertações e análise de documentos de sites e revistas sobre os temas aqui apresentados.

Para essa pesquisa ser realizada, foi buscado artigos em portais eletrônicos como *Scielo* e *Google Acadêmico* que contenham assuntos sobre o abuso sexual infantil e suas repercussões na vida adulta.

A coleta de dados para esse estudo foi feita através de busca de artigos e livros, o qual utilizamos os termos: violência, violência sexual, abuso sexual, crianças, transtornos mentais, relacionamentos de pessoas abusadas, tratamento psicoterápico na plataforma digital *Scielo*. Foram incluídos artigos que abordem sobre esses temas e que sejam referentes aos anos de 2010 a 2022 e de exclusão, artigos que tenham repetição de assunto e que não sejam do ano de 2010 a 2022.

Esse estudo tem como propósito discorrer sobre como viver a experiência do abuso sexual pode afetar no desenvolvimento do indivíduo e pontuar a importância de novos estudos sobre esse tema tão delicado.

Na obra “As possíveis consequências do abuso sexual praticado contra crianças e adolescentes” (FLORENTINO, 2015) tem como importância para a discussão nesse estudo, pois realiza uma análise sobre os impactos da violência sexual sobre crianças e adolescentes.

O autor Bianco (2021) com a sua obra "Abuso sexual infantil, trauma e depressão na vida adulta: um estudo de caso", tem como relevância analisar a relação entre os acontecimentos traumáticos na infância, em especial o abuso sexual, fazendo reflexão sobre repercussão na vida adulta.

O estudo da obra “Impactos psicossociais para o adulto do abuso sexual na infância” (ZANATTA; CASTRO, 2020), identifica a assiduidade de problemas psíquicos ou relacionais da vida adulta ocasionados pelo abuso sexual na infância, observando assim, a depressão, comportamento autodestrutivo, pensamentos e

tentativas de suicídio, dificuldade de vínculo afetivo, vergonha e isolamento de mulheres que foram abusadas sexualmente na infância.

O artigo “Indicadores psicológicos e comportamentais na perícia do abuso infantil” (SCHAEFER, *et al*, 2018) se faz de extrema importância com o seu estudo, que ponderou a capacidade discriminante de indicadores psicológicos e comportamentais constantemente ligados ao abuso sexual infantil, deixando em evidência sintomas comportamentais e psíquicos por consequências do abuso sexual.

As autoras (LIRA *et al.*, 2013), com a sua obra “abuso sexual na infância e suas repercussões na vida adulta” traz reflexões sobre a visão da convivência familiar após a relação do abuso sexual, a vida cotidiana de meninas e vivência do abuso sexual e os entraves do abuso na vida de mulheres adultas abusadas sexualmente na infância.

Na obra “intervenção psicológica em vítimas de estupro na cidade de São Paulo”, (SILVA; VAGOSTELLO, 2017), traz a reflexão de que a intervenção psicológica com vítimas de estupro é fundamental para reorganização psíquica da mulher. Tem como objetivo também, investigar, por meio da experiência profissional de psicólogas, as especificidades do processo de intervenção terapêutica em mulheres vítimas de estupro.

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para um melhor entendimento, a seguir iremos analisar estudos com pesquisas exploratórias de diversos autores que propuseram a estudar sobre os impactos que o abuso sexual, enriquecendo assim sobre o conteúdo proposto nesse trabalho.

O estudo de Schaefer *et al.*, (2018): Indicadores Psicológicos Comportamentais na Perícia do Abuso Sexual Infantil foi constituída por 79 crianças, de ambos os sexos, com idade entre oito e 12 anos, sendo distribuídos em três grupos: 34 crianças ficaram no grupo Abuso sexual; 14 em Maus-tratos sem histórico de abuso sexual e 31 crianças em Sintomas clínicos sem histórico de maus-tratos.

Nesse estudo foram utilizados instrumentos com os responsáveis, tais como: Entrevista Semiestruturada; *Child Behavior Checklist*: Inventário acerca dos comportamentos dos filhos, tendo como objetivo identificar aspectos comportamentais e emocionais de crianças, além de possíveis transtornos psicopatológicos; *Child Sexual Behavior Inventory*: Questionário de 35 itens, avaliando a frequência de comportamentos sexuais específicos.

Também aplicaram instrumentos para as crianças, tendo como exemplo: entrevista semiestruturada; trauma *Symptom Checklist for Children*, o qual mensura sintomas pós-traumáticos e sintomas psicológicos associados em crianças e adolescentes que experienciaram eventos traumáticos.

O estudo teve como resultado que 43,7% (n=14) das crianças vivenciaram um episódio único e 56,3% (n=18) vivenciaram episódios recorrentes de abuso sexual e que 38,2 % (n =13) das crianças foram vítimas de abuso sexual por algum membro da família nuclear, 44,1% (n=15) por algum membro da família extensa, 94,1% (n=32) dos agressores eram do sexo masculino e em 5,9% (n=3) dos casos, os episódios foram perpetrados simultaneamente por homens e mulheres, sendo que em 71,4% (n=15) das ocorrências houve ameaças. Foram identificados comportamentos sexuais não somente nas crianças do Abuso sexual (M=4,74) como também no grupo Sintomas clínicos (M=3,13) e no grupo maus-tratos (M=5,86). Nessa pesquisa é analisada as características do abuso sexual e seus impactos emocionais na vida das crianças vítimas dessa violência, como também em crianças que vivenciaram outros tipos de maus-tratos.

Com esse estudo, pode-se analisar que a grande parte dos agressores são homens. Moltedo e Miranda (2004), pontuam que em geral se distinguem dois grupos

de abusadores: o dos abusadores obsessivos ou pedófilos e o dos abusadores regressivos. Sendo que o primeiro atua mais no nível extrafamiliar, e o indivíduo chega a abusar de várias crianças diferentes, apresentando uma compulsão crônica e repetitiva. Quase sempre são homens e apresentam principalmente uma atração sexual, quase exclusiva por crianças.

O outro grupo é o dos abusadores regressivos, predominando mais no nível intrafamiliar. São homens que reagem violentando sexualmente de uma criança num momento de crise existencial, caracterizada por sentimentos depressivos de angústia, motivada, por exemplo, por conflitos conjugais, separação, divórcios, fracassos profissionais, entre outros. Sua sexualidade está orientada preferencialmente para os adultos, aparecendo a excitação sexual por crianças como resultado de uma descompensação psíquica.

O artigo 'abuso sexual na infância e suas repercussões na vida adulta' que tem como autores Lira *et al.*, (2017) foi uma pesquisa qualitativa, desenvolvida em um Centro de Referência da Mulher (CRAM) do Estado de Pernambuco, Brasil. Participaram desse estudo nove mulheres integrantes do projeto piloto "Oficinas interventivas com mulheres vítimas de violência doméstica", com idade mínima de 18 anos e ter vivenciado a experiência de abuso sexual na infância praticada por um homem do seu convívio familiar. Os dados foram coletados entre junho e novembro de 2014 através de uma entrevista não estruturada, as participantes tinham entre 18 anos e 53 anos, sendo o maior nível de escolaridade, o ensino médio completo. Quatro eram solteiras, uma em união consensual, duas casadas, uma viúva e uma divorciada. Sete tinham filhos, sendo que, em uma situação, a filha era resultado do abuso sexual do padrasto.

Vale ressaltar que essas mulheres foram abusadas quando tinham entre quatro e dezessete anos, sendo que 6 delas tinham menos de dez anos. Em seis situações, a revelação foi feita espontaneamente a um familiar ou a uma professora. As demais ocorreram por flagrante de familiares, durante atendimento psicológico ou por estímulo do Conselho Tutelar. Os abusadores foram três pais, quatro padrastos e outros dois casos, parentes: irmão e primo.

Os resultados da pesquisa de Lira *et al.*, (2017) foram organizados em três categorias. Sendo a primeira categoria: Convivência familiar após a revelação do abuso sexual.

Nessa categoria são coletados alguns relatos, como por exemplo: “[...] *antes do abuso minha mãe era boa comigo, mas depois do abuso ela mudou, começou a me agredir com palavras. A gente discutia direto que ela chegou a puxar faca para mim.*”

A segunda categoria coletou dados sobre as repercussões do abuso sexual para a vida cotidiana de meninas abusadas. Nesse tópico mostrou, entre as alterações funcionais, a gravidez, conforme afirmou uma participante de 30 anos, que foi abusada sexualmente pelo padrasto, dos seis aos dezesseis anos.

*“[...] meu padrasto me fez ter relações sexuais à força, me bateu, me judiou, me amarrou com os braços na cama, eu queria me soltar e não conseguia, gritava, mas minha irmã não ouvia, fiquei toda roxa da surra. Aí, foi só uma vez e peguei gravidez. A filha que eu tenho é filha dele.”*

*“[...] meu pai ter relação sexual comigo mudou muita coisa. Na época fui morar na rua, porque ninguém acreditou em mim, aí, enchi minha cara de droga porque eu nunca imaginei meu pai fazer sexo comigo. Comecei na maconha, a cheirar cola, depois o crack e o pó. Meti a cara no pó com desgosto.”*

A última categoria é sobre as diversas alterações emocionais do abuso na infância que se prolongaram até a vida adulta. Nesse tópico foram coletados diversos impactos, tendo como exemplo: Baixa autoestima; Ideias e tentativas de suicídio; Tentativas de homicídio e comportamento autodestrutivo; Problemas na esfera sexual; Contradição entre gênero e o sexo; Dificuldades para se relacionar com pessoas do mesmo sexo do abusador e dificuldades para ter orgasmo.

Tendo em vista o que foi analisado, o estudo de Lira *et al.*, (2021), acrescentam as repercussões de cunho sexual, como por exemplo a gravidez na adolescência, principalmente aquela não planejada podem refletir em problemas psicoemocionais, sobretudo, quando a gestação é consequente do abuso sexual, que em muitos casos, tem como perpetrador um membro da família.

Os autores complementam que alguns sobreviventes do abuso podem criar uma aversão a relacionamentos com pessoas do mesmo sexo do agressor e que essa repulsa pode gerar um sentimento de ambiguidade a respeito da sua orientação sexual. Há situações em que essa aversão se amplifica ao ato sexual, principalmente devido à repugnância criada pela vítima devido ao toque, a dor e ao sofrimento rememorados. Foi pontuado, ainda que, embora consigam avançar para um relacionamento, pode-se ter dificuldades em ter orgasmos.

Bianco e Tosta (2021) em seu estudo 'Abuso sexual infantil, trauma e depressão na vida adulta: um estudo de caso', a qual tem como objetivo verificar e analisar a associação entre experiências traumáticas na infância- principalmente o abuso sexual- e o transtorno depressivo. É um estudo de caso de uma mulher de 62 anos, que apresentava no processo psicoterápico, um acentuado quadro depressivo e severos sentimentos inconscientes de culpa.

Para a construção desse estudo, foi integrado os dois primeiros anos do tratamento psicológico da paciente em questão, a qual ocorreu com frequência quinzenal, totalizando 41 sessões de 50 minutos cada. O material coletado foi posteriormente analisado tomando base o referencial teórico psicanalítico que embasou esta pesquisa. A mulher relatou possuir intensos sintomas depressivos e o diagnóstico de depressão profunda. Ela narra que também tinha "compulsão pelo banho", causada por se sentir sempre suja. Havia também os sentimentos de inutilidade, desesperança, pensamentos suicidas e constantes pesadelos de cunho sexual e de ser perseguida por diversos homens.

Complementando esse pensamento, Lira *et al.*, (2017) aponta que um dos impactos relacionado à vivência de abuso na infância é a inferiorização sentida e proferida das mulheres. Esse sofrimento, ao ser internalizado desde a infância e/ou adolescência, compromete o desenvolvimento do sujeito, podendo se agravar ao longo dos anos até que resulte em quadros depressivos.

Nos primeiros seis meses o sentimento de sujeira era frequentemente associado às experiências de abuso durante a infância pelo seu próprio pai. A paciente se sentia responsável pela violência sofrida e se condenava por não ter feito nada para evitá-lo. No decorrer do processo terapêutico as associações ao "sentir-se suja" foram se vinculando à difícil relação com a mãe, a qual constantemente a criticava, ameaçava e castigava.

Além do trauma sexual causado pelo pai, a paciente também sofreu negligência física e emocional por parte de sua mãe. Nos casos em que os excessos sentimento de culpa estão presente, pode-se encontrar doenças como melancolia e neurose obsessiva. Na paciente pode analisar que a sua neurose está presente nos rituais em tomar banho excessivamente e pelo pensamento de ser/estar suja.

Nessa pesquisa foi concluída que com a psicoterapia, a paciente teve a oportunidade de reconhecer e expressar sua raiva inicialmente relacionadas ao pai. Houve uma melhora significativa da sintomatologia obsessiva e depressiva, quando



ela se sentiu livre e segura em odiar, além de seu pai, a sua mãe. Esses sintomas melancólicos e obsessivos perderam a força na medida em que a paciente passou a aceitar e integrar o fato de seu ódio e agressividade em relação aos pais, os quais amava.

Lima e Alberto (2015), em seu estudo: 'O olhar de mães acerca do abuso sexual intrafamiliar sofrido por suas filhas', a qual participaram da pesquisa 13 mães que residem no estado de Rondônia, tendo a idade entre e 25 e 50 anos e que tinham seu/sua filho(a) atendidos no programa especializado local.

Para a coleta de dados foi utilizado uma entrevista semiestruturada, que constatou que todos os abusos aconteciam em períodos em que as mães estavam ausentes do local. Quanto à forma que ocorreu essa violência, todas as mães mencionaram que os abusadores usavam ameaças com os parentes das meninas. E essa ameaça era o motivo central para não revelação do abuso.

As informações coletadas foram divididas em dois blocos de subcategorias que referem as concepções das mães acerca sobre o abuso sexual praticado contra sua filha e sobre o papel de mãe diante do conhecimento dessa violência. No primeiro bloco foi revelado que as mães possuem um conhecimento prático a respeito do abuso sexual. Também valorizam a virgindade, estando isso como foco de preocupações, frases como "o pior não aconteceu" referindo-se à preservação do hímen.

Com essa fala, podemos notar que por não ter tido a ruptura do hímen, a mãe acredita que a filha não sofreu o pior, mesmo passando por todo trauma do abuso sexual, isso deve-se a tradição machista que nossa sociedade está inserida e ao significado simbólico que o hímen preservado representa, de pureza feminina. Sendo que foi no século XIX, com o médico naturalista Georges Cuvier que se confirmou – para a época – a presença do hímen nas jovens, considerado como um órgão frágil cujo rompimento poderia ocorrer por outros meios que não fosse a penetração; dessa maneira, sua presença não seria o equivalente de virgindade (KNIBIEHLER, 2016).

No segundo bloco, que diz respeito ao seu papel de mãe, ao tomar conhecimento do abuso sexual, as participantes revelam que tinham confiança no agressor antes de saberem da violência, e que no momento que tiveram conhecimento do abuso se sentiram confusas e sentem-se desconfiadas das pessoas ao seu redor e mais cuidadosas com todos os seus filhos.

Lima e Alberto (2010), pontuam que a mãe é a pessoa que mais possui influência na possível decisão da criança de revelar ou não a violência e como fazer,

assim como influencia toda a família no manejo com a situação. Na perspectiva dos autores, apesar de haver discursos de convivência, culpa e cumplicidade maternas diante do abuso sexual contra as filhas, a maioria das mães aparenta não estar ciente de que tal abuso ocorre e, quando sabem, elas são as que mais denunciam os abusos intrafamiliares.

Os dados dessa pesquisa revelaram a maioria das participantes possuem baixas condições econômicas, trabalham fora de casa são responsáveis pelos proventos domésticos pelo fato de cuidarem sozinhas dos filhos. Acerca das características que permearam a situação do abuso sexual, foi revelado que essa violência acontecia ou em sua casa ou na casa do abusador, o que possibilitou o envolvimento de outros parentes na situação mas que isso não significou que poderiam ter o apoio deles; pelo contrário, muitas vezes esses parentes ficaram ao lado do agressor. Esse estudo analisa como as mães das vítimas de abuso compreendem a violência sofrida pelas filhas, visto que, elas são o maior suporte para que busquem caminhos protetores de seus direitos e evitar uma situação de repetição da violência intrafamiliar.

Dobke *et al.*, (2010), acrescentam que é preciso considerar que a decisão de acreditar na filha pode resultar em mudanças na família: além de perderem seus companheiros, a mãe pode perder status social, a autoestima, devido se relacionar com uma pessoa capaz de cometer tamanha violência e a segurança material, precisando assim do suporte de outras pessoas.

## 5. CONCLUSÃO

Levando em consideração o que foi apresentado nesse trabalho, compreende-se que o abuso sexual infantil é considerado tabu em nossa sociedade e que para combater esse cenário de violência é necessária muita mobilização. Diante os resultados obtidos neste estudo, aplicar medidas preventivas contra este problema deveria ser uma prioridade dos programas da Rede Socioassistencial e de Saúde, propondo assim à sociedade ações de conscientização que visam prevenir e orientar sobre o assunto.

Devido a todas as consequências que o abuso sexual infantil causa no desenvolvimento da criança até a vida adulta mencionados anteriormente, ressalta-se a importância do acompanhamento profissional, incluindo o psicólogo durante o processo pós abuso, com a vítima e todos afetados na circunstância, buscando assim, formas de minimizar impactos dessa vivência traumática, dificuldades nas relações interpessoais e possíveis transtornos psicológicos, possuindo a grande responsabilidade de lidar com os efeitos do trauma com a máxima delicadeza, sabedoria e profissionalismo.

É visto a necessidade de novos estudos sobre essa temática na literatura e como essa experiência traumática impacta na vida do sujeito e no seu modo de se relacionar. É também imprescindível novas pesquisas como a psicologia trabalha com as vítimas, a família e também com os agressores.

Através dessa pesquisa, conclui-se que é dever do Estado e da sociedade o compromisso de cuidar para que a população infanto-juvenil tenha uma vida plena e um desenvolvimento sexual saudável.

## REFERENCIAS

- ATLAS DA VIOLÊNCIA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, 2021  
Disponível em: <<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/12/atlas-violencia-2021-v7.pdf>> Acesso em: 20 de abril de 2023
- AZEVEDO, Maria Amélia; GUERRA, Viviane. Infância e violência doméstica: fronteiras do conhecimento. São Paulo, 2005.
- AZEVEDO, Maria Amélia ; GUERRA, Viviane. Crianças vitimizadas: A síndrome do pequeno poder, 1989.
- BALLONE, G.J., et al. Violência Doméstica, 2009. Disponível em <<http://www.psiqweb.med.br/site/?area=NO/LerNoticia&idNoticia=89>>. Acesso em: 18 outubro de 2022
- BELLIS, M; ZISK, A. Os efeitos biológicos do trauma na infância, 2014.
- BIANCO, Omar; TOSTA, Rosa. Abuso sexual infantil, trauma e depressão na vida adulta: um estudo de caso. **Revista de Psicologia**. Vol.14 N.2 Belo Horizonte maio/ago. 2021.
- BRANDÃO, Beatriz., et al. A importância da psicoterapia em casos de abuso sexual de crianças. **CEAPIA**, 2019.
- BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei 8.069/90. **Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados**, 2012.
- BRASIL. Sistema de Informação de Agravos de Notificação, 2018.
- COGO, Karine., et al. Consequências psicológicas do abuso sexual infantil. **Unoesc & Ciência – ACHS**, Joaçaba, v. 2, n. 2, 2011.
- COMISSÃO DE PSICOLOGIA JURÍDICA. A atuação da(o) Psicóloga(o) nos casos de violência sexual contra crianças e adolescentes, 2021. Disponível em: <<https://crppr.org.br/violenciassexual>>. Acesso em 20 de março de 2023.
- CORREA, O. O transgeracional na violência intrafamiliar. **Grupo familiar e Psicanálise: ressonâncias clínicas**. São Paulo, 2007.
- COSTA, D. Para além do silêncio: Um estudo sobre o abuso sexual infantil e resiliência. **PUC do Rio de Janeiro**, 2002.

CÓTICA, Carolina., et al. O abuso sexual e o desenvolvimento do self: Um olhar centrado na pessoa. **Revista Unitins**, 2015.

CHILDHOOD. A violência sexual infantil no Brasil, 2019. Disponível em: <<https://www.childhood.org.br/a-violencia-sexual-infantil-no-brasil/>>. Acesso em: 12 de março de 2023.

DAHLBERG, L; KRUG, E. Violência: um problema global de saúde pública. **Ciência e Saúde Coletiva**, 2006.

DAY, Vivian., et al. Violência doméstica e suas diferentes manifestações. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, 2003.

DA SILVA, J. V., et al. Prevalência de violência sexual no Brasil: fatores individuais e contextuais associados. **Jornal internacional de saúde**, 2018.

DOBKE, V.M., et al. Abuso sexual intrafamiliar: da notificação ao depoimento no contexto processual-penal. **Temas em Psicologia**, 2010.

FLORENTINO, Bruno. As possíveis consequências do abuso sexual praticado contra crianças e adolescentes. **Revista de Psicologia**, 2015.

FERNANDES, Daiana.,et al. Um olhar da psicologia sobre a violência sexual contra crianças e adolescentes: uma revisão integrativa. **Revista sociedade em desenvolvimento**, 2022.

FERRARI, D. Definição de abuso na infância e na adolescência. O fim do silêncio na violência familiar: teoria e prática, São Paulo, 2002.

FURNISS, T. Abuso sexual da criança: uma abordagem multidisciplinar. **Artes Médicas**, Porto Alegre, 2002.

HABIGZANG, Luísa Fernanda et al. Avaliação psicológica em casos de abuso sexual na infância e adolescência. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 2008.

HEUVEL, V., et al. Maus tratos infantis e funcionamento cognitivo posterior: uma revisão sistemática. **Psicologia: Reflexão & Crítica**, 2013.

JUNIOR, A., et al. Caracterização da violência doméstica contra crianças e adolescentes e as estratégias interventivas em um município do estado do Rio de Janeiro, Brasil, 2015.

KAPLAN, H; SADOCK, B. . Compêndio de psiquiatria 2. ed. Tradução de Maria Cristina Monteiro e Daise Batista. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

KNIBIEHLER, Yvonne. A história da virgindade. **São Paulo: Contexto**, 2016.

KRINDGES, Cris., et al. Abuso sexual na infância e suas repercussões na satisfação sexual na idade adulta de mulheres vítimas, 2016.

LIMA, Joana; ALBERTO, Maria. O Olhar de Mães acerca do Abuso Sexual Intrafamiliar Sofrido por suas Filhas. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 2015.

LIRA, Margaret., et al. Abuso sexual na infância e suas repercussões na vida adulta. **Revista de enfermagem**, 2017.

MALGARIM, Bibiana., et al. O abuso sexual: estudos de casos em cenas incestuosas. **Universidade do Vale do Rio dos Sinos**, 2010.

MARQUES, Gilsiane., et al. Psicologia e abuso sexual infantil: Uma delicada e essencial intervenção. **Faculdade Luciano Feijão**, 2013.

MENEZES, Pedro. Tipos de violência. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/tipos-violencia/>>. Acesso em 20 de março de 2023.

MINAYO, M. Métodos de pesquisa, 2008.

MOLDADO, C. ; MIRANDA, M. Protegendo os direitos de nossas crianças: prevenção de maus-tratos e abuso sexual no espaço escolar: manual de apoio para professores. Santiago, Chile: Family Foundation Edition & Ministério da Justiça, 2004.

NAJMAN, J., et al. Abuso sexual na infância e disfunção sexual na idade adulta: um estudo de base populacional australiano. **Arquivos de Comportamento Sexual**, 2005.

OLIVEIRA, Aislan., et al. Abuso sexual infantil e consequências na vida adulta: uma revisão sistemática. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 11, 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Plano de ação global para fortalecer o papel do sistema de saúde dentro de uma resposta multisetorial nacional para enfrentar a violência interpessoal, em particular contra mulheres e meninas e contra crianças, 2016.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Documentos e publicações da Organização Mundial da Saúde**. Geneva, 2002.

PACHECO, Maria; MALGARIM, Bibiana. Discutindo os possíveis impactos do abuso sexual intrafamiliar na estruturação do aparelho psíquico infantil. **Revista de Psicologia da IMED**, vol.4, 2012.

PAOLLUCI, E., et al. Uma meta-análise da pesquisa publicada sobre os efeitos do abuso sexual infantil. **National Library of Medicine**, 2001.

PEIXOTO, Carlos., et al. Avaliação da credibilidade de alegações de abuso sexual de crianças: Uma perspectiva psicológica forense. Universidade do Porto, Portugal, 2012.

PERRONE, R.; NANINI, M. Violência e abuso sexual na família, 1998.

PFEIFFER, Luci; SALVAGNI, Edila. Visão atual do abuso sexual na infância e adolescência. **Jornal de Pediatria**, 2005.

REZENDE, Stéfany. As cicatrizes: Impactos na vida adulta do abuso sexual infantil. **Raízes no Direito**, v. 2, n. 1, p. 87-100, 2013.

RIBEIRO, Carlos., et al. Transtorno de estresse pós-traumático em vítimas de abuso sexual na infância, 2018.

RISMAN, Arnaldo., et al. Abuso sexual intrafamiliar: Um olhar multifacetado para o incesto. **Psicologia para a América Latina**, 2014.

ROGERS, C; KINGET, M. **Psicoterapia e relações humanas**, 1975.

ROMARO, Rita; CAPITÃO, Cláudio. A violência doméstica contra crianças e adolescentes. **Psicologia para a América Latina**, 2007.

ROSINEIA, Paula. Impacto do abuso sexual no relacionamento afetivo: um estudo de caso. **Faculdade Santana em Revista**, v.6 n.1, 2022.

SANTOS, R. Ocorrências de comportamentos autolesivos entre adolescentes: causas, diagnóstico e tratamento, 2019.

SATTLER, M. Incesto: o silêncio dos inocentes. **Anais do I Congresso Brasileiro de Terapia Familiar**, 1994.

SCHAEFFER, L., et al. Indicadores psicológicos e comportamentais na perícia do abuso sexual infantil. **Temas em Psicologia**, 2018.

SCHUENGUE, Nathalia. **Classificação e identificação da violência praticada contra crianças**. PebMed, 2021.

SIEBRA, Danielle., et al. Os Prejuízos causados à Saúde Mental e à vida sexual adulta das mulheres vítimas de Abuso Sexual na infância. **Revista de Psicologia**. v. 13, n. 46, 2019.

SILVA, Erick; VAGOSTELLO, Lucilena. Intervenção psicológica em vítimas de estupro na cidade de São Paulo. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, vol 69 nº3, 2017.

SILVA, I.R. Abuso e Trauma. São Paulo: Vetor, 2000.

SILVA, Jéssica; MELO, Sara. Violência infantil: atuação do psicólogo no processo de auxílio à criança. **Psicologia e saúde em debate**, 2017.

SILVA, Mariana. Contextualização da sexualidade e violência Sexual infantil: o papel da psicologia mediante Casos de suspeita de abuso. **Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas** v. 3, n. 6, jul./dez, 2018.

SOUZA, Carolina; Sei, Maíra. Abuso sexual de crianças e adolescentes: trauma e transmissão psíquica. **Revista de Psicanálise**. Vol 8 nº15, 2019.

STAPLES, J., et al. Evitando experiências: Disfunção sexual em mulheres com história de abuso sexual na infância e adolescência. **Arquivos de Comportamento Sexual**, 2012.

SUFREDINI, Franciele. Abuso sexual infanto-juvenil na perspectiva das mães: uma revisão sistemática. **Contextos Clínicos**, vol.9, nº2, 2016.

TREVES, Lia. Quando a casa não é um lar. Quebrando o silêncio,2017. Disponível em: < <https://quebrandoosilencio.org/quando-a-casa-nao-e-um-lar/>> Acesso em: 20 de março de 2023.

VÉZINA, C., et al. Lições aprendidas com a pesquisa sobre abuso sexual infantil: prevalência, resultados e estratégias preventivas. **Child Adolesc Psychiatry Ment Health**, 2013.

ZANATTA, Alice; CASTRO, Amanda. Impactos Psicossociais para o Adulto do Abuso Sexual na Infância. **Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, 2020.





## Página de assinaturas



**Clara Preira**  
033.529.112-07  
Signatário



**Daniela Americo**  
005.484.062-78  
Signatário

Coordenação de Psicologia

**Coordenação Psicologia**  
005.484.062-78  
Signatário



**Lucianne Dutra**  
011.945.832-29  
Signatário







**Vanessa Oliveira**  
051.664.152-21  
Signatário



**Milena Sousa**  
782.675.873-49  
Signatário

## HISTÓRICO

- 13 set 2023** 14:50:32  **Lucianne Rodrigues Dutra** criou este documento. (E-mail: lucianecks@hotmail.com, CPF: 011.945.832-29)
- 13 set 2023** 21:38:52  **Clara Lis Araújo Preira** (E-mail: psicologaclara.2020@gmail.com, CPF: 033.529.112-07) visualizou este documento por meio do IP 170.239.200.62 localizado em Curionopolis - Para - Brazil
- 13 set 2023** 21:39:24  **Clara Lis Araújo Preira** (E-mail: psicologaclara.2020@gmail.com, CPF: 033.529.112-07) assinou este documento por meio do IP 170.239.200.62 localizado em Curionopolis - Para - Brazil
- 26 set 2023** 14:58:48  **Milena Vieira Sousa** (E-mail: milenavieirasousa@gmail.com, CPF: 782.675.873-49) visualizou este documento por meio do IP 200.124.94.212 localizado em Parauapebas - Para - Brazil



- 26 set 2023**  
14:59:23  **Milena Vieira Sousa** (E-mail: [milnavieirasousa@gmail.com](mailto:milnavieirasousa@gmail.com), CPF: 782.675.873-49) assinou este documento por meio do IP 200.124.94.212 localizado em Parauapebas - Para - Brazil
- 13 set 2023**  
22:03:29  **Daniela S Americo** (E-mail: [danielaamericoa@gmail.com](mailto:danielaamericoa@gmail.com), CPF: 005.484.062-78) visualizou este documento por meio do IP 170.239.200.62 localizado em Curionopolis - Para - Brazil
- 13 set 2023**  
22:03:35  **Daniela S Americo** (E-mail: [danielaamericoa@gmail.com](mailto:danielaamericoa@gmail.com), CPF: 005.484.062-78) assinou este documento por meio do IP 170.239.200.62 localizado em Curionopolis - Para - Brazil
- 13 set 2023**  
22:04:12  **Coordenação de Psicologia** (E-mail: [psicologia@fadesa.edu.br](mailto:psicologia@fadesa.edu.br), CPF: 005.484.062-78) visualizou este documento por meio do IP 170.239.200.62 localizado em Curionopolis - Para - Brazil
- 13 set 2023**  
22:04:14  **Coordenação de Psicologia** (E-mail: [psicologia@fadesa.edu.br](mailto:psicologia@fadesa.edu.br), CPF: 005.484.062-78) assinou este documento por meio do IP 170.239.200.62 localizado em Curionopolis - Para - Brazil
- 14 set 2023**  
16:21:06  **Lucianne Rodrigues Dutra** (E-mail: [lucianecks@hotmail.com](mailto:lucianecks@hotmail.com), CPF: 011.945.832-29) visualizou este documento por meio do IP 177.8.26.91 localizado em Parauapebas - Para - Brazil
- 14 set 2023**  
16:22:37  **Lucianne Rodrigues Dutra** (E-mail: [lucianecks@hotmail.com](mailto:lucianecks@hotmail.com), CPF: 011.945.832-29) assinou este documento por meio do IP 177.8.26.91 localizado em Parauapebas - Para - Brazil
- 14 set 2023**  
18:44:19  **Vanessa Gonçalves de Oliveira** (E-mail: [vanessa.14784@gmail.com](mailto:vanessa.14784@gmail.com), CPF: 051.664.152-21) visualizou este documento por meio do IP 45.71.80.115 localizado em Parauapebas - Para - Brazil
- 14 set 2023**  
18:44:34  **Vanessa Gonçalves de Oliveira** (E-mail: [vanessa.14784@gmail.com](mailto:vanessa.14784@gmail.com), CPF: 051.664.152-21) assinou este documento por meio do IP 45.71.80.115 localizado em Parauapebas - Para - Brazil

